



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC
TURMA PANTERAS NEGRAS

**ANÁLISE LINGUÍSTICA DAS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NA
COMUNIDADE KALUNGA ENGENHO II- MUNICÍPIO DE CAVALCANTE - GOIÁS**

CLEONICE CESÁRIO DE TORRES

Planaltina – DF

2014

CLEONICE CESÁRIO DE TORRES

**ANÁLISE LINGUÍSTICA DAS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NA
COMUNIDADE KALUNGA ENGENHO II- MUNICÍPIO DE CAVALCANTE - GOIÁS**

Monografia a ser apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para à obtenção ao título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Djiby Mané

Planaltina – DF

2014

FOLHA DE APROVAÇÃO**ANÁLISE LINGUÍSTICA DAS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NA
COMUNIDADE KALUNGA ENGENHO II- MUNICÍPIO DE CAVALCANTE - GOIÁS**

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Djiby Mané (Orientador)

Prof. Doutoranda Severina Alves De Almeida- Examinadora

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa - Examinadora

Planaltina_ DF

2014

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades, por minha vida, família e amigos; permitiu que tudo isso acontecesse ao longo dessa caminhada, e não somente nesses anos como universitária, mas em todos os momentos que sem a ajuda e misericórdia não conseguiria e nem seria possível realizar este trabalho.

A todos que fazem parte da minha vida, principalmente aos meus pais, Benedito e Maria Augusta, por terem me colocado no mundo e por acreditarem nos meus sonhos.

Aos meus irmãos Jesuino, João e Antônio; às minhas irmãs Odalice e Joaquina; aos meus sobrinhos Luiz Henrique, Carlos Augusto, João Lucas, Gustavo Fernando e Matheus; às minhas sobrinhas Josiane, Jeane, Julia, Amanda, Leticia, Amélia. Obrigada meus irmãos e sobrinhos, que nos momentos da minha ausência dedicada ao curso superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir de uma constante dedicação no presente.

Agradeço ao meu namorado Gerci Cesário de Torres, uma pessoa com quem amo partilhar a vida; valeu a pena toda distância, todo sofrimento, todas as renúncias, valeu a pena esperar, hoje estamos colhendo juntos as perdas e as conquistas.

A minha amiga Dionice Moreira Dias, a qual nunca vou esquecer obrigada pela paciência, e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho.

Agradeço imensamente onde quer que esteja, sabendo que mesmo não estando nessa terra, foi e sempre será a razão do meu existir que teve carinho e cuidado a minha vida, Daniela Dos Santos Rosa (in memoriam).

Obrigada! Primos e @s, tios e @s pela contribuição.

Ao professor Dr. Djiby Mané, pela paciência, pelo carinho e dedicação de ter lido e relido o meu trabalho fazendo as correções.

As professores da banca examinadora; professora Severina Alves De Almeida e a professora Rosineide Magalhães de Sousa pela gentileza e disponibilidade de estarem presentes na minha defesa.

Agradeço a todos os professores e coordenadores do curso, por me proporcionar o conhecimento de caráter afetivo.

A todos os colegas da turma 4, Panteras Negras, pela oportunidade de aprender com cada um nas horas alegres e nos momentos difíceis. E principalmente às colegas Antônia, Eurotildes, Lucinete, Sideni, Luciana, Lourdes, Josina, que deixaram registrado em mim suas marcas de amizade, amor e incentivo para seguir em frente.

A escola Joselina Francisco Maia a qual foi parte principal de todo o processo de conclusão do curso; as minhas professoras Dorotéia Dos Santos Rosa e Milza Francisco Maia.

Aqui está o meu carinho e a dedicação a todas as pessoas da minha Comunidade, que confiaram em mim e que me deram forças ao longo desta caminhada tão árdua.

EPÍGRAFE

"A educação necessita tanto de formação técnica e científica como de sonhos e utopias". Paulo Freire.

RESUMO

Esse trabalho faz uma análise linguística de plantas medicinais, no intuito de averiguar quais as mais utilizadas pelas pessoas da comunidade Kalunga Engenho II, para o tratamento de enfermidade. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa baseada na pesquisa etnográfica, onde foi aplicada uma entrevista com aplicação de questionários. No que diz respeito às bases teóricas, recorreremos a autores como Couto (2007), Cabral (1973), Guimarães (2006); além de trabalhos já publicados como artigos, monografias, teses e dissertações que abordam o tema. Conseguimos fazer este levantamento embora superficial, sendo necessária a continuidade deste trabalho, em estudos futuros. Ficou comprovada o uso de plantas como medicamentos, nenhum entrevistado abordou a questão do uso das mesmas como alimento.

Palavras-chave: Comunidade Kalunga Engenho II, Plantas medicinais, Léxico, Análise Linguística.

ABSTRACT

This work made a linguistic analysis of medicinal plants, in order to ascertain what the most used by people of Kalunga Mill II community, for the treatment of disease. The methodology was qualitative research based on ethnographic research, where an interview with questionnaires was applied. With regard to the theoretical bases, we turn to authors like Couto (2007), Cabral (1973), Guimarães (2006); as well as studies published as articles, monographs, theses and dissertations that address. We can do this survey although superficial, being necessary to continue this work in future studies. It was proved the use of plants as medicines, no respondent addressed the issue of using them as food.

Keywords: Community Kalunga Engenho II, Medicinal plants, Lexicon. Linguistic analysis.

LISTA DE SIGLAS

FUP: Faculdade de Planaltina

LEdoC: Licenciatura em Educação do Campo

TE: Tempo Escola

TC: Tempo Comunidade

UNB: Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: METODOLOGIA DA PESQUISA.....	13
1.1 A metodologia adotada.....	13
1.2.Contexto da comunidade Kalunga.....	14
1.3 Licenciatura em Educação do Campo.....	19
CAPÍTULOII: REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2.1.Concepções língua.....	21
2.2.Conceituando léxico.....	21
2.3 Cultura.....	24
2.4. Algumas considerações sobre a ecolinguística.....	27
CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS RESULTADOS SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS DA COMUNIDADE KALUNGA ENGENHO II.....	29
3.1.As principais plantas medicinais e seu uso terapêutico na comunidade	29
3.2.Análise e discussão dos questionários.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES.....	53

INTRODUÇÃO

Esse trabalho consiste em fazer uma análise linguística das plantas medicinais na comunidade Kalunga Engenho II - Município de Cavalcante Goiás. Ele trabalho se justifica pela necessidade de registrar os costumes do povo Kalunga da Comunidade Engenho II, pois devido às transformações socioculturais e linguística, tais costumes tendem a desaparecer pela forte presença da tradição oral nessa comunidade.

Este trabalho parte do seguinte problema: No léxico das plantas medicinais Sucupira, Baru, Jatobá, Arnica, e Pimenta-de-Macaco existe uma relação de dependência entre língua, cultura e sociedade? O objetivo geral é analisar os léxicos das plantas medicinais: Sucupira, Baru, Jatobá, Arnica, e Pimenta-de-Macaco no intuito de elencar sua diversidade e averiguar seu uso medicinal e na alimentação da Comunidade Kalunga. Como específicos, buscamos analisar a relação entre língua, cultura, identidade e comunidade; registrar as expressões e suas variantes presentes nas modalidades oral e escrita da terminologia das plantas medicinais: Sucupira, Baru, Jatobá, Arnica, e Pimenta-de - Macaco na Comunidade Kalunga - Engenho II, considerando aspectos léxico-semânticos.

Como as pessoas desta comunidade utilizam as plantas na tentativa de curar doenças, a proposta desta pesquisa também é o fortalecimento dos conhecimentos que dizem respeito às plantas medicinais na comunidade, visando à valorização do saber tradicional, incentivando os jovens a buscar esses saberes com as pessoas mais velhas.

As crianças e jovens de nossa Comunidade precisam saber que o conhecimento medicinal dos patriarcas é uma herança dos antepassados, isto é, conhecimentos transmitidos de geração para geração, que deve ser preservado. No caso desta comunidade, o uso de plantas como medicamento surgiu pelos nossos ancestrais vindos da África e era de extrema necessidade, pois tais conhecimentos curavam as doenças que havia naquela época.

Como moradora da comunidade Kalunga, tenho presenciado as pessoas fazendo tratamentos com medicamentos químicos, sendo que há possibilidades de fazer o seu próprio tratamento com remédios caseiros sem o

uso de química. No entanto, esse fato se torna um problema sério, levando as pessoas a ficarem dependentes dos químicos deixando de lado seus conhecimentos tradicionais. Porém, as pessoas para adquirir os medicamentos químicos, é preciso comprá-los em altos preços, mesmo sem condições são obrigados a consumi-los, e o mercado farmacêutico cada vez mais lucrando com grande consumo dos produtos químicos.

As plantas na medicina moderna são usadas pela ciência da classe dominante que apenas quer utilizar os meios visando lucros e sem pensar na saúde do povo. Existem muitas pessoas na comunidade que escrevem prescrevem receitas de remédios que servem para o uso na saúde das crianças, jovens e adultos.

As pessoas da comunidade sempre exploraram o meio ambiente usando as raízes, folhas cascas das árvores e plantas que conhecem na região. Apenas retiram o que a natureza os oferece, mas nem sempre pensam em replantar as árvores para ter uma sustentabilidade. Usam a prática de queimada por ser uma questão de cultura ou ideia de que esse método foi muito usado antigamente e que hoje ainda funciona. Assim, acredita-se que esta pesquisa poderá ajudar a comunidade a valorizar e fortalecer os valores tradicionais sobre as plantas medicinais evitando o uso da medicina moderna que, de alguma forma, é uma fonte de doença.

Como abordagem metodológica, o trabalho se baseia em entrevistas e aplicações de questionários, depois escolher as lexias a serem analisadas. Em outras palavras, a metodologia desse trabalho se fundamenta na pesquisa qualitativa e etnográfica. Para as bases teóricas, recorreremos a Coelho & Mesquita (2013), Couto (2007), Martins (2012) e Maia (2013) entre outros.

Este trabalho monográfico está dividido em três capítulos. O primeiro trata da metodologia de pesquisa, do contexto da comunidade Kalunga, da licenciatura em Educação do Campo. O segundo apresenta a base teórica e o terceiro analisa os resultados sobre as plantas da pesquisa realizada, onde são apresentadas as respostas a questionamentos e também as lexias de algumas das plantas medicinais apontadas pelos entrevistados.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia de pesquisa, o contexto da comunidade Kalunga e uma síntese da Licenciatura em Educação do Campo.

1.1 A metodologia adotada

Este trabalho tem como base de pesquisa a metodologia qualitativa baseada na pesquisa etnográfica, no intuito de coletar informações sobre o uso das plantas medicinais na comunidade Engenho II por meio de entrevistas e questionários, fazer o seu registro e proceder a uma análise para averiguar a diversidade de plantas, as terminologias usadas e sua utilidade na saúde e alimentação. Em outras palavras, ele evidenciará o relato associado a um “Estudo de caso”, como procedimento metodológico, que se refere a uma coleta de dados frente à pesquisa de entrevistas junto aos moradores que usam as plantas medicinais na comunidade.

Por meio de uma pesquisa de campo, faremos algumas visitas aos moradores da comunidade para averiguar o uso das plantas medicinais. Pelo critério de amostra, buscaremos diversas informações, opiniões de líderes da comunidade Kalunga, autoridades dentre outros, sobre casos concretos do uso das plantas medicinais, com resultados tanto positivo quanto negativo, para nos ajudar a identificar e entender a eficácia e a importância do uso destas plantas em benefício a saúde dos moradores da comunidade quilombola, no povoado. Esse tipo de pesquisa é defendido por Gil (1999) que afirma:

a entrevista é a maneira mais adequada para se obter informações acerca do que os indivíduos sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, e ainda como suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (GIL 1999, p. 113).

Quanto ao estudo de caso, é evidente salientar é método de pesquisa qualitativo calculado em três condições como aponta Yin (2001, p.19 apud

DUARTE, 2002 p. 215): “(a) tipo de questão de pesquisa (b) controle que o pesquisador possui sobre os eventos comportamentais efetivos (c) o foco em fenômenos históricos, em oposições a fenômenos contemporâneos”.

Serão utilizados também os métodos histórico e comparativo, pois oferecem ao pesquisador, técnicas para as coletas de dados, tais como entrevista na comunidade, questionário. Esta pesquisa de campo recebe o nome de pesquisa etnográfica que, segundo Araújo (2014), o pesquisador precisa ir a campo buscar suas informações e conhecimentos. O autor também mostra que neste tipo de pesquisa, “a observação direta possibilita ao pesquisador descrever, interpretar, isto é, estudar diferentes culturas ou povos” (p. 38). Dentro dos elementos fundamentais para realização está “a interação com as pessoas, o acompanhamento dos afazeres diários, o conhecimento do ambiente observado” (p. 38). Já para Sousa R. (2006 *apud* Araújo 2014), ao realizar a pesquisa etnográfica o pesquisador tem recursos metodológicos e tecnológicos a sua disposição. Os metodológicos podem ser: registros escritos, entrevistas, gravações, fotografias e filmagens e os tecnológicos: gravador, câmera fotográfica, filmadora, cadernos ou diários de anotação (papel ou digital) etc.

Para fundamentar a análise dos dados, será feita uma pesquisa bibliográfica em obras e trabalhos já prontos sobre o tema como teses, dissertações, monografias, artigos.

1.2. Contexto da comunidade Kalunga

A comunidade remanescente de quilombo ainda existe e resiste ao tempo. Surgiu há milhares de anos em função de negros, escravos e índios que fugiam das duras jornadas de trabalho, de tortura, tronco e chicote. Eles se organizaram nas zonas rurais dos municípios goianos de Monte Alegre, Teresina e Cavalcante. Escolhiam lugares de difícil acesso, isolados e seguros, entre rios, montes e serras com a finalidade de não serem encontrados por seus senhores.

Com o tempo, esses povos se adaptaram, venceram as dificuldades do caminho e as condições precárias que o ambiente oferecia, e descobriram que

poderiam utilizar os recursos ali disponíveis para a reconstrução de suas vidas. Chamaram este lugar de Kalunga, que significa lugar sagrado, de proteção.

No passar dos anos, as famílias foram se distribuindo pelas encostas e vales do Rio Paranã. Hoje, são quatro núcleos principais de população: Contenda, Vão de Almas, Vão do Moleque e Ribeirão dos Bois. E todos são formados por pequenos povoados como Engenho II, Vargem Grande, Taboca, Tinguizal, Choco, Funil, Riachão, entre outros. Nomes que estão ligados ao dia a dia do povo Kalunga ou falam da sua relação com a natureza.

Ao analisar a história de ocupação da Comunidade Kalunga e por conhecer a construção da comunidade e suas heranças atribuídas pelos negros escravizados e deportados para o Brasil nas mais diferentes regiões brasileiras, mais precisamente a região das chapadas dos Veadeiros, é perceptível a relação da herança africana e sua ampla relação com o contexto sociolinguístico e as suas influências no que se refere ao conceito de plantas medicinais.

A história do território se deu através dos ancestrais há mais de trezentos anos. Os primeiros habitantes eram os índios. Devido à escravidão, surgiu o quilombo que hoje é conhecido por Kalunga. Segundo os entrevistados, o nome Kalunga tem vários significados, lugar sagrado de proteção, uma planta que servia para curar alguns tipos de doenças como: Verme, malária e gastrite. Uma outra versão acredita que se tratava de um pequeno córrego chamado Kalunga, localizado na fazenda Tinguizal no município de Monte Alegre de GO.

Por volta do século XVIII, a terra era coletiva e sem demarcação. As pessoas vivendo e sobrevivendo de frutos, caça e pesca. No quilombo, as gerações das famílias foram através de casamentos entre parentescos como, por exemplo, primos casavam com primos.

No território estão situados os três municípios onde estão inseridas várias comunidades como Engenho II, que é localizado a 27 km do município de Cavalcante. O nome Engenho significa local onde todos se reuniam para moer a cana-de-açúcar para a produção dos produtos como: cachaça, rapadura, açúcar e outros. Vão de Almas, situado aproximadamente a 80 km do município de Cavalcante, veio das palavras 'vão' por se localizar entre

serras, e 'almas', porque tem um rio na qual ocorriam mortes frequentes. Quanto à comunidade Riachão localizada a 80 km do município de Monte Alegre, deu-se esse nome por ter um córrego que nasce na serra e desagua no rio Paranã. Para Saco Grande localizada a 92 km do município de Monte Alegre, seu nome se deve à forma do local. O nome Diadema foi dado pelos fazendeiros que eram proprietários de terras. Com o passar do tempo, o incra desapropriou os fazendeiros para assentar os quilombolas que ali permanecem. Já o nome Ribeirão dos Bois, localizado aproximadamente a 50 km do município de Teresina, tem origem de seu significado desconhecido. Além dessas comunidades citadas, há outras que compõem o território Kalunga.

As comunidades se constituem em povos tradicionais, onde a tradição cultural é bastante forte com a presença de muitos manifestos em rituais e agradecimentos às divindades de cunho religioso. As principais manifestações culturais são: Romaria de nossa senhora da Abadia, nossa senhora Aparecida, Nossa Senhora dos Remédios e São João Batista. Também fazem parte da cultura, as crenças, superstições e as folias de Santos Reis, de Santo Antônio, da Senhora das Neves e entre outras. As demais são compostas por uma média de dez foliões: o caixeiro, os batedores de pandeiro, o violeiro e o arfelo porta bandeira.

Ao procurar entender os motivos dessas comemorações, sabemos por meio das entrevistas como surgiram essas folias. Segundo a dona (Maria das Dores dos Santos Rosa), a folia de Santos Reis que acontece do dia 01 a 06 de janeiro, surgiu a partir de promessas que os moradores faziam por causa da falta da chuva, que levava muitas pessoas a perder suas plantações. A folia de Santo Antônio que surgiu em função de uma febre que matou muitas crianças, é celebrada do dia 09 a 13 do mês de junho. Já a folia de Nossa Senhora das Neves, comemorada anualmente em 05 de agosto, surgiu para satisfazer as necessidades das comunidades e levá-las a acreditar em milagres, comemorada anualmente em 05 de agosto.

Boa parte das comunidades Kalunga participa dessas festividades, pois são festas tradicionais que acontecem todos os anos. Apesar de ter crescido muito o número de evangélicos na região, a população católica ainda é maioria

e se faz muito presente em todos os eventos culturais e religiosos. As comunidades contam também com a folia Mirim que é composta pelos alunos da escola e se apresentam nas festividades.

Existe também um grupo de Sussa, que é uma dança de origem africana criada pelos próprios negros como forma de diversão. Essa apresentação é sempre feita em folias, festas tradicionais e comemorações culturais nas comunidades. Ela é muito apreciada por todos, onde as mulheres dançam com garrafas de bebidas na cabeça em um equilíbrio sincronizado, e a música é produzida por instrumentos que eles próprios confeccionam, chamados: pandeiros, caixas e onça. A própria população compõem esses grupos, sendo que boa parte são os moradores da comunidade.

As pessoas mais velhas até hoje procuram as fases da lua para desenvolver alguns tipos de trabalhos na agricultura, simpatias e também o acompanhamento na gravidez das mulheres. Segundo dona Maria das Dores, as fases da lua têm grandes influências na vida dos nossos povos, e elas são mais utilizadas. Assim, a lua minguante é a melhor época para dar a luz, por acreditar que as dores diminuem. Essa fase é também importante para realizar simpatias, fazer remédios, curar certas moléstias como (verrugas, pano-branco, manchas na pele, rendidura, hérnias). Quanto à lua crescente, é uma fase ótima para a retirada de óleos naturais, por rederem mais e cortes de cabelos, etc. A lua cheia não é boa para extração como, por exemplo, cortar madeiras que ficam cheias de caruncho, cupim, etc., retirar óleos, azeites, que podem aparecer borras, ou seja, ficam sujos. Já a lua nova é a fase em que a maioria dos animais nocivos se tornam alvoroçados (agressivos). É o momento de grande perigo para a comunidade, pelo fato de boa parte desses animais se encontrarem em período do cio.

Não existiam farmácia, nem médicos na comunidade, e após o parto são 45 dias sem sexo, com banhos de remédios caseiros apenas nas partes íntimas, tais como: (negramina, manjeriço, carrapicho, casca de caju, algodãozinho, casca de simbaíba, barbatimão) ingerir para limpar o útero (raiz de perdiz, algodãozinho, mastruz, vinho da folha do algodão, gervão, raiz de cansação, etc.).

Os Benzimentos eram para as pessoas levantar espinhela, arca, para vento-caído, peito-aberto, e para os animais doentes. Benzia-se o rastro do animal ou o capim de que o animal se alimenta, mesmo sem a sua presença, que logo vem a melhorar. Benze-se também contra quebrantes nas tripas, zói (olho ruim), zipa (ferida que não sara), para as ínguas que surgem devido ao fato da pessoa não avistar a ave inhambu, sendo que ela tenha visto a pessoa, pois ela sempre vira o bumbum para cima rumo à pessoa.

Existia e ainda existe o trabalho das parteiras, que orientavam as gestantes na hora do trabalho de parto. Faziam orações nas mulheres, e sabiam a oração certa para cada problema. Caso a criança estivesse atravessada na barriga da mãe, as orações eram realizadas até mesmo a distância, pegavam um cordão e benzia, e depois enviavam para a mãe em trabalho de parto, e sempre dava certo.

O plantio, aproximadamente por volta do século XVIII, era de acordo com as fases da lua. A organização do trabalho de produção era individual e também de forma coletiva. No coletivo, as famílias se reuniam e usavam a troca do trabalho entre família, chamada adjunta, onde um dia trabalhavam em uma roça, no outro dia iam ajudar na roça do outro. No plantio e colheita do arroz, feijão, mandioca, algodão, milho etc., toda a produção não poderia ser vendida. Parte era sempre separada para o sustento das famílias. As ferramentas utilizadas eram: foice, machado, facão, enxada, cavador, dentre outros. Atualmente, alguns lavradores utilizam recursos tecnológicos para o plantio, ou seja, pagam-se por hora pelo serviço dos tratores para arar a terra, embora seja uma minoria que conta com esse privilégio. A maioria não tem condições financeiras para arcar com o alto valor do serviço maquinário.

Antes a água não era encanada, era buscada no rio com potes e botijas. Hoje já tem água encanada na maioria das casas. Mas algumas comunidades que moram distante do rio, ainda sofrem com a seca e a constante falta de água.

1.3 Licenciatura em Educação do Campo

Este tópico trata da educação do campo que Caldart (2008) conceitua da seguinte maneira:

Tem raiz na sua materialidade de origem e no movimento histórico da realidade a que se refere. [...] busca apreender um fenômeno em fase de constituição histórica. Ou na expressão de Bernardo Mançano, de uma disputa de “território imaterial”, que pode em alguns momentos se tornar força material na luta política por territórios muito concretos, como o destino de uma comunidade camponesa. Por exemplo. (p.68)

Para esta mesma autora a Educação do Campo “é fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do Campo e suas organizações, que visam incidir a política de educação desde os interesses sociais das Comunidades camponesas.” Caldart (2012, p.257).

Esta conquista se deu através dos movimentos sociais que lutaram por uma educação que fosse igual para todos. Ela nasceu primeira como Educação Básica do Campo criada em preparação da I Conferência Nacional realizada em Luziânia Goiás em julho de 1998. Participaram desta luta vários sujeitos como: pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, boia-fria e outros grupos mais. Cada um desses sujeitos tem sua identidade comum, isto é, reconhecer que cada um tem sua forma de organização popular Caldart (2012).

De acordo com Ribeiro (2012), a Licenciatura em Educação do Campo é uma nova modalidade de graduação nas universidades públicas brasileiras. A licenciatura tem como objetivo formar e habilitar profissionais para atuação nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. O mesmo autor acrescenta afirmando que a intenção da Educação do Campo é preparar educadores para uma boa atuação profissional que vai além da docência, dando conta da questão dos processos educativos que acontecem na escola e seu entorno.

Assim, o curso de Licenciatura em Educação do Campo oferece aos estudantes a opção de escolher uma das duas habilitações: Linguagens e Ciências da natureza.

O projeto Político pedagógico está organizado em etapas presenciais (equivalentes a semestre de cursos regulares) e em regime de alternância entre TU (Tempo Universidade) e TC (Tempo Comunidade). Esse curso tem uma articulação essencial entre educação e realidade exclusiva do povo do Campo, tendo em vista a necessidade de facilitar o ingresso de jovens e adultos na educação superior sem deixar de viver no campo.

Ao organizar metodologicamente o currículo por alternância, entre TU e TC, a proposta curricular do curso objetiva integrar a atuação dos sujeitos educandos na construção do conhecimento necessário à sua formação de educadores, não apenas nos espaços formativos escolares, mas também nos tempos de produção da vida nas comunidades onde se encontram as escolas do campo (MOLINA e SÁ, 2012, p.468).

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é uma fonte que possibilita e transforma os conhecimentos empíricos históricos adquiridos de conhecimentos científicos. As aulas durante o curso e principalmente as aulas de linguística na LEdoC, me fizeram refletir sobre a importância de associar os saberes tradicionais na comunidade, e sobre o conhecimento da análise linguística das plantas medicinais, que futuramente podem correr o risco de se perder. Portanto, acredita-se que este trabalho vai ser importante, podendo contribuir para a construção de um novo olhar sobre essa tradição com o uso das plantas medicinais, que faz parte da cultura do povo do campo.

CAPÍTULO 2

REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar esta pesquisa, recorro aos conhecimentos sobre língua, léxico e cultura. Na primeira parte, exponho algumas concepções e língua. Na segunda parte conceituamos léxico. Na terceira parte, discorremos sobre cultura. Na quarta parte, fizemos algumas considerações a cerca da ecolinguística.

2.1 Concepções língua

Conhecer a língua de um povo é também conhecer sua identidade. Sabemos que a língua é um sistema complexo e para compreendê-la é necessário primeiro conhecer o léxico, pois, ele reflete as heranças e marcas sociais, dialetais e culturais dos seus falantes. Segundo Coelho & Mesquita (2013, p. 25), a língua surgiu pela necessidade da comunicação entre os homens, e “permitiu ao ser humano interagir verbalmente com o outro, exteriorizando seus pensamentos, expressando-se, comunicando-se, por meio da fala, da escrita e de outras formas de linguagem”.

As mesmas autoras acrescentam que “as relações sociais, então, estreitaram-se e as ideias, a cultura, as ideologias e os conhecimentos puderam ser amplamente difundidos” (p. 25). Pois, a língua facilitou a comunicação entre as pessoas, levando então a realidade que temos hoje, onde pessoas de uma localidade podem conhecer a cultura de outras, isso dentro de um país ou em outro.

Desse modo, para a autora Coelho (2013),

A língua envolve todas as ações e pensamentos humanos e possibilita ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado pelo outro, desempenhar seu papel social na sociedade, relacionar-se como os demais, participar na construção de conhecimentos e da cultura (COELHO, 2013, p.25).

Isso porque a língua decodifica os pensamentos e ações humanos, e é a maneira que os indivíduos se comunicam um com o outro. E esta comunicação

pode ser positiva ou até mesmo negativa. Uma vez que através dela promovem-se benefícios a todos e também pode proporcionar influências negativas que levem à submissão e à desigualdade.

Coelho & Mesquita (2013) também mostram que a língua está em constante transformação, constantemente entram léxicos novos e outros caem em desuso. Pois, a língua está sujeita a variações, o que constitui uma preocupação em relação às plantas medicinais usadas pela maioria das Comunidades Quilombolas. Muitas das plantas utilizadas como medicamentos já se perderam, por não ter nada escrito. Pois, como é colocado por Coelho (2013 p. 27):

Os indivíduos são inseridos na teia social por meio da língua. É ela quem vai possibilitar-lhes o contato com a cultura, com as ideologias, com as identidades, tornando-se um instrumento para que eles possam interagir linguística e socialmente com seus semelhantes. (COELHO 2013 p. 27).

A colocação desta autora demonstra a importância da língua para a sobrevivência da cultura de uma localidade, pois ela faz a inserção dos indivíduos na sociedade em que vivem. No caso das plantas utilizadas na Comunidade estudada, as pessoas mais velhas passam o conhecimento aos mais novos através da linguagem oral. No entanto, devido às transformações sociais advindo das tecnologias, os jovens vêm se afastando de sua realidade social e cultural e adotando a de outras regiões. Porém, sabemos que esse distanciamento prejudica a identidade desses jovens, futuramente surgirá a necessidade do retorno às raízes, e os escritos deixados sobre a Comunidade, lhes ajudarão na reconstrução dessa identidade perdida.

2.2. Conceituando léxico

Com o intuito de arguir acerca das plantas medicinais, surge então a necessidade de enfatizar nesta pesquisa o estudo dos léxicos que aparecem nas plantas medicinais, pois eles refletem a herança cultural em comunidade kalunga, como salienta Martins:

O uso de plantas do cerrado está evidente na vida diária do povo Kalunga. É comum encontrar nas casas utensílios domésticos fabricados com partes da palmeira buriti. Alguns produtos alimentícios são comercializados localmente, incluindo bolos, biscoitos e sucos com frutos e sementes de plantas nativas do Cerrado. (MARTINS, 2012, p.245).

Toda herança perpassa pela constituição de uma história marcada por ideias, nascida do idealismo pela liberdade. A comunidade Kalunga é a herança de uma cultura africana, a miscigenação das muitas culturas negras e indígenas constituindo a cultura afro-brasileira.

Segundo Basílio (2006), o léxico é conceituado como sendo “uma espécie de banco de dados que fornece unidades básicas para a construção dos enunciados”. Desse modo, o léxico tem o papel de organizar a língua, pois ele categoriza, ou seja, dá nome às coisas que precisamos comunicar. O léxico é o mesmo que palavra. Um dá origem a outro, ou seja, um léxico dá origem ao outro. As unidades lexicais são produzidas a partir da língua falada e em uso nas comunidades.

Portanto, quando estudamos o léxico de uma língua estamos revivendo sua história e costumes. Este trabalho irá fazer justamente isso, através do léxico medicinal da Comunidade Kalunga do Engenho II, vamos imergir na história daquele povo, pois língua e cultura andam de mãos dadas. Desse modo, registraremos as expressões orais e escritas das terminologias das plantas medicinais utilizadas por eles.

A língua e o léxico refletem as heranças e marcas sociais, dialetais e culturais dos seus falantes. Assim, percebe-se uma forte presença desses léxicos na vida da comunidade, como salienta Martins (2012):

O uso de plantas do cerrado está evidente na vida diária do povo Kalunga. É comum encontrar nas casas utensílios domésticos fabricados com partes da palmeira buriti. Alguns produtos alimentícios são comercializados localmente, incluindo bolos, biscoitos e sucos com frutos e sementes de plantas nativas do Cerrado. (MARTINS 2012, p.245).

Deste modo, com base nas novas abordagens de estudo do léxico, com enfoques culturais e sociais, surge o estudo da socioterminologia, que se baseia na concepção de variações dentro de uma mesma área de

especialidade¹. Essas abordagens deram outra dimensão aos estudos do léxico como um todo e ao estudo das línguas de especialidade em particular.

Por se tratar de plantas medicinais, é necessário conceituar a palavra “léxico”. Segundo Cabral (1973, p. 11) “é a parte da linguística que se ocupa com a descrição dos conjuntos de palavras em cada sistema linguístico, sendo uma de suas principais subdivisões a lexicografia, que trata da elaboração de dicionários”. Ou seja, estuda a estrutura vocabular da língua, na sua origem, mudanças, composição.

Quanto à lexicologia, Guimarães conceitua da seguinte maneira:

O conjunto de relações que os elementos lexicais entretêm na língua é extremamente diversificado. Além disso, visto que a língua tem história, ela está em constante transformação. Enquanto a descrição do léxico de uma língua, representando um todo, é efetuada pela lexicografia, a lexicologia geralmente se dedica a descrições localizadas do léxico. Metodologicamente, de uma perspectiva analítica, realizam-se recortes de fatos lexicais, ou seja, de conjuntos delimitados desses fatos. Ao fazer isso, o linguista está também construindo o seu dispositivo analítico (GUIMARAES, 2006, p.153).

A conceituação de Guimarães mostra que a lexicologia é a responsável por estudar o léxico, o seu processo de formação, a etimologia e sua relação com a semântica. Pois, visa compreender o plano do significado na fala no contexto do falante. Neste trabalho, vamos estudar o léxico de um grupo de palavras que dão nomes a plantas medicinais utilizadas na Comunidade Kalunga do Povoado Engenho II.

2.3 Cultura

Coelho & Mesquita (2013) conceituam cultura como sendo “um processo contínuo em que se acumulam conhecimentos e também práticas que resultam da interação social entre indivíduos”. Ou seja, o tempo se passa e a cada dia construímos novos conhecimentos advindos da experimentação, decorrente da necessidade. No caso das plantas conhecidas como medicamentosas, nossos antepassados descobriram que serviam para curar doenças e um ia passando para o outro através da prática oral. Percebemos estas práticas no momento

¹ Estuda sua multirreferencialidade.

em que nos reunimos, quando falamos de algo sentido, sempre de alguém que indica algo que pode sanar ou amenizar aquela doença. Para as mesmas autoras, esse conhecimento é;

Mediado pela língua, que permite que a cultura seja transmitida e difundida entre as gerações, daí compreendermos que a cultura de um povo constitui-se como um todo que é realizado por cada indivíduo, afinal, cada um é uma peça importante na construção cultural, uma vez que é portador, disseminador, mas também criador de cultura. O homem é, portanto, um ser cultural e é a cultura que o permite adaptar-se aos diferentes ambientes. (COELHO & MESQUITA 2013, p. 27).

Esta colocação reafirma que a cultura está sempre em construção, e que é feita pela necessidade da evolução. É importante buscar a cultura através das pessoas mais idosas, pois elas detêm um conhecimento cultural verdadeiro das plantas medicinais que nossos antepassados utilizavam como medicamentos de suas enfermidades.

Coelho & Mesquita (2013) nos mostram que:

A cultura é, portanto, acumulativa, pois acumula conhecimentos e experiências ao longo das gerações, e é também produção, construção de conhecimentos. Estes conhecimentos e experiências são transmitidos ao homem por seus semelhantes, a partir dessa transmissão são (re) vividos e (re) atualizados, gerando novos conhecimentos e novas experiências. Por isso, a cultura não é resultado da ação isolada de um único indivíduo, mas de uma coletividade e se configura como sinônimo de criação, de aprendizagem e de cooperação. Ela é modificada e enriquecida continuamente, num processo coletivo. (p. 28)

Portanto, compreender a cultura construída em uma comunidade é também respeitá-la e dar continuidade a ela, pois foi construída durante anos e anos e faz parte da essência da vida de quem vive na localidade. Por esta razão, buscamos neste trabalho registrar a cultura da utilização das plantas medicinais na nossa Comunidade.

Em relação à identidade, o Professor Eugenio Carvalho (2014 p. 13) nos mostra que ela é construída através de nossas ações, isso dentro de contextos. A sociedade influencia o comportamento de cada um de nós, por isso “nenhuma identidade é construída no isolamento” (idem). Porém, cada indivíduo necessita construir sua própria identidade, e ao mesmo tempo

guiando sua imagem e seu modo de ser aos papéis que representam na vida. Em um jogo onde ao mesmo tempo em que se diferencia se iguala aos grupos da sociedade. Desse modo, interação indivíduo e grupos sociais, porém essa convivência nem sempre é pacífica, pois existem os pontos de vistas individuais que geram conflitos.

Em relação à comunidade, Martins (2012) nos mostra que ela se organiza socialmente em torno das relações familiares, ou seja, a família é referência, “onde as pessoas se ajudam e os valores éticos e culturais são repassados” (p. 249).

Em estimativa a estes aspectos, busca-se evidenciar o uso medicinal das plantas dentro da comunidade do Engenho II, relacionando as possíveis ações terapêuticas que elas vão proporcionar ao povo daquela região. Pois, o uso de plantas como medicamentos tem ocorrido ainda no período da escravidão, em que índios e negros refugiados, utilizavam as plantas como forma de cura e mal estar.

Toda herança perpassa pela constituição de uma história marcada por ideias, nascida do idealismo pela liberdade. A comunidade Kalunga é a herança de uma cultura africana, a miscigenação das muitas culturas negras e indígenas constituindo a cultura afro-brasileira. A comunidade Kalunga é um remanescente quilombola, que nasceu das fugas de escravos explorados na mineração goiana, que sofriam os açoites e maus tratados. Devido a tantas formas de agressão nas serras das chapadas dos veadeiros, nas lacunas da natureza, esses negros fugitivos adentraram a mata para se refugiar na região que hoje é conhecida por Comunidade Kalunga².

A constituição do território dos Kalungas configurou-se a partir da fuga dos africanos e afro-brasileiros que permaneceram na região após o declínio da mineração e a abolição do sistema escravista. Junto a estes agregou-se a população negra alforriada que migrou para a região em busca de terras para habitar, cultivar e viver de forma autônoma e livre (Jatobá 2005 *apud* MARTINS, 2012, p.243-244).

² Kalunga/Calunga é um substantivo feminino que quer dizer: “1. Bras. Divindade secundária do culto banto. 2. Bras. P.ext. O fetiche dessa divindade. 3. Bras. coisa qualquer de tamanho reduzido. (...). 6. Bras. boneco pequeno. Para o povo Kalunga, Kalunga é um riacho que passa perto da fazenda Contenda. (MARTINS, 2014, p. 243).

2.4 Algumas considerações sobre a ecolinguística

Além dessas considerações linguísticas, é válido ressaltar alguns conceitos da ecolinguística. Como o nome indica, é uma ciência que envolve duas áreas: Linguística e Ecologia. A primeira é a ciência da linguagem enquanto a segunda é o estudo das inter-relações entre os seres vivos e entre eles e seu meio ambiente (Couto, 2007, p.39). Assim, a ecolinguística é a ciência que estuda as interações entre língua e meio ambiente. O papel da ecolinguística é investigar as relações existentes entre a língua e o meio ambiente. Em função disso, Couto (2009, p.11) ressalta:

Neste momento, podemos propor uma definição provisória tanto para língua como para a ciência que se dedica a ela, no nosso caso, a ecolinguística. Levando-se em conta que a língua é uma rede ou teia de interações, podemos defini-la como sendo o modo costumeiro de se interagir verbalmente no interior de um ecossistema linguístico, ou comunidade, definição que está em sintonia até com o que já defendia o linguista estruturalista Eugenio Coseriu. Esse é o objeto da ecolinguística, sobretudo a ecossistêmica. A língua é interação não só em sua excoecologia, mas também endoecologicamente. Com isso, a definição de ecolinguística emerge naturalmente. Ela é a disciplina que estuda o modo costumeiro de os membros de uma comunidade interagirem verbalmente entre si. Podemos conceituá-la também como sendo o estudo da linguagem humana como interação sob todos os aspectos. (COUTO, 2013,p. 295).

Com base na citação acima, percebe-se que a ecolinguística tem várias ramificações, entre elas a Etnoecologia. De acordo com Couto (2013, p. 287) a etnoecologia;

é o ramo da ecolinguística que se dedica à linguagem dos pequenos grupos étnicos e grupos isolados do interior do país, como os kalungas do norte de Goiás”, portanto, esta área pode se estudar os conceitos de definição junto aos tópicos: etnobotânica, à etnozootologia, à etnomedicina, à etnotoponímia e à etnoantroponímia, entre outras” (COUTO 2013, p. 287).

Couto (2013 p. 243) ressalta que na perspectiva da etnoecologia, é válido ressaltar que etnomedicina, não está baseada somente na fitoterapia e na zooterapia, ou seja, no uso de produtos tirados de plantas e de animais, mas também nos processos de cura como; benzimentos, simpatias e outros.

Quanto à etnobotânica, este mesmo autor a conceitua como sendo o estudo das interações entre língua e meio ambiente, tendo como base os conhecimentos tradicionais sobre o uso das plantas. Isso explica

“porque determinada planta tem nome e porque outra não o tem; se o conhecimento sobre ela se transmite de geração para geração, e como se transmite; e o reflexo dessa transmissão ou não transmissão para as gerações seguintes e assim por diante” (COUTO, 2007, p. 226).

Partindo dos princípios da etnoecologia estabeleceremos a interrelação entre a diversidade ecológica, cultural e linguística das plantas medicinais da comunidade estudada.

Martins (2012) enfatiza um estudo básico sobre as palmeiras na região, trazendo uma análise da utilização das palmeiras dentro da comunidade. Dentre estes aspectos, a mesma autora enfatiza o uso medicinal destas palmeiras, que se resigne a uma qualidade de plantas da comunidade.

O uso medicinal do óleo do mesocarpo foi o mais citado entre os entrevistados, seguido do óleo da semente, do palmito e da raiz. A principal indicação terapêutica das palmeiras foi para o tratamento de doenças respiratórias, tais como gripes e pneumonias. Em segundo lugar aparece o uso contra picadas de cobra. Duas espécies compartilham estes dois usos, o Buriti (*Mauritia flexuosa*) e a Macaúba (*Acrotomia aculeata*). O uso para dor de dente foi compartilhado entre duas espécies, a Macaúba e o Indaiá (*Attalea compta*). (MARTINS, 2012, p.272).

Com base no exposto em todo capítulo, deduz-se que a língua é um produto cultural e histórico, representa pensamentos, sentimentos, percepções através da oralidade ou da escrita, é através dela que compreendemos a nossa identidade dentro de um contexto social. E que a língua, a sociedade, a identidade e a cultura estão em constantes transformações.

CAPITULO III

ANÁLISE DOS RESULTADOS SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS DA COMUNIDADE KALUNGA ENGENHO II

Neste capítulo, apresentamos em primeiro momento as principais plantas medicinais utilizadas pelos moradores da comunidade, e em um segundo momento, analisaremos os questionários aplicados. Para demonstrar os léxicos das principais plantas utilizadas na comunidade pesquisada, utilizamos a perspectiva da etnobotânica defendidos por Couto (2007), onde mostra que esta ciência estuda das interações entre língua e meio ambiente, tendo como base os conhecimentos tradicionais sobre o uso das plantas, por isto, primeiro colocamos o nome científico da planta e em seguida as informações fornecidas pelas pessoas entrevistadas, ou seja, estudamos as interações entre língua e meio ambiente.

3.1. As principais plantas medicinais e seu uso terapêutico na comunidade Kalunga Engenho II

NOME CIENTÍFICO: Pterodon emarginatus

NOME POPULAR: Sucupira/ sicupira

PARTE UTILIZADA: casca e semente

Indicação: Dor de garganta, pneumonia, coluna

Modo de usar: Dor de garganta, machucar o caroço, colocar no álcool com água e gargarejar. Para a coluna colocar no vinho e tomar três vezes ao dia.



Foto: TORRES, Cleonice. 2014

NOME CIENTÍFICO: *Dipteryx alata*

NOME POPULAR: Baru

PARTE UTILIZADA: Casca/ semente

INDICAÇÃO: Coluna, dores nas costas e pernas ajudar no parto de mulheres e animais.

MODO DE USAR: Raspar a casca e colocar na água. Semente colocar no vinho e ir tomando diariamente.



Foto: TORRES, Cleonice. 2014

NOME CIENTÍFICO: *Hymenaea stigonocarpa*

NOME POPULAR: Jatobá- do- cerrado

PARTE UTILIZADA: Resina/casca/ fruta.

INDICAÇÃO: Bronquite, estômago, anti-inflamatório etc.

MODO DE USAR: Resina machucar e colocar na água e ir tomando diariamente. Casca colocar na água ou no vinho, tomar três vezes ao dia.



Foto: TORRES, Cleonice. 2014.

NOME CIENTÍFICO: Arnica Montana.

NOME POPULAR: Arnica do cerrado

PARTE UTILIZADA: folhas

INDICAÇÃO: Anti-inflamatório, dores reumáticas e cicatrizantes.

MODO DE USAR: Fazer o chá e tomar assim que necessitar. Colocar no álcool e passar nos locais afetados.



<http://www.revistaecologico.com.br/materia.php?id=79&secao=1267&mat=1395>

NOME CIENTÍFICO: Xylopia aromática

NOME POPULAR: Pimenta de macaco/ pigiricum

PARTE UTILIZADA: semente

INDICAÇÃO: Pneumonia, dores reumáticas.

MODO DE USAR: Machucar a semente fazer o chá e tomar três vezes ao dia.



Foto: TORRES, Cleonice. 2014.

NOME CIENTÍFICO: Eucalyptus grandis

NOME POPULAR: Eucalipto/ ocalip

PARTE UTILIZADA: folhas

INDICAÇÃO: febres, gripes, e sinusite.

MODO DE USAR: Fazer o chá e tomar diariamente. Suador colocar água fervente nas folhas e abafar de modo que não sai o vapor, tomar a noite e não sair.



<http://www.tuasaude.com/eucalipto/>

NOME CIENTÍFICO: Vernonia Polysphaera

NOME POPULAR: Assa-peixe

PARTE UTILIZADA: folhas secas

INDICAÇÃO: Pneumonia, febre, gripe, hemorragia.

MODO DE USAR: Chá da folha e da raiz, tomar 3 vezes ao dia, até acabar. Chá da folha seca, tomar diariamente no caso de hemorragia menstrual.



<http://www.tuasaude.com/assa-peixe/>

NOME CIENTÍFICO: Psidium guajava

NOME POPULAR: Goiaba branca

PARTE UTILIZADA: Casca, folhas.

INDICAÇÃO: Diarreia, inflamação do útero.

MODO DE USAR: Sumo ou chá para dor de barriga. Raspar a casca e colocar na água...



<http://www.tuasaude.com/goiabeira/>

NOME CIENTÍFICO: Rosmarinus officinalis

NOME POPULAR: Alecrim/ alicrim

PARTE UTILIZADA: folhas e caules

INDICAÇÃO: Reumatismo, depressão, cansaço físico, intestino, falta de apetite, cicatrizante dor de cabeça e problemas respiratórios.

MODO DE USAR: Infusão, compressas, pomada, suco. Chá e temperos.



<http://www.tuasaude.com/alecrim/>

NOME CIENTÍFICO: Stryphnodendron barbatimam

NOME POPULAR: Barbatimão/ barbatimão

PARTE UTILIZADA: casca

INDICAÇÃO: Úlceras, gastrites, inflamações uterinas, hemorragias.

MODO DE USAR: Colocar na água ou no vinho e tomar diariamente.
Cozinhar e banhar as partes íntimas.



<http://www.tuasaude.com/barbatimao/>

NOME CIENTÍFICO: Bidens pilosa

NOME POPULAR: Picão

PARTE UTILIZADA: folha raiz

INDICAÇÃO: fígado, infecção urinaria.

MODO DE USAR: Fazer o chá e tomar diariamente



<http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/picao.html>

NOME CIENTÍFICO: Melissa officinalis

NOME POPULAR: Erva cidreira/ eva cidera

PARTE UTILIZADA: folhas e caule.

INDICAÇÃO: Dor de barriga, pressão arterial, dor de estômago, nervoso.

MODO DE USAR: Chá ou sumo fazer e tomar diariamente.



<http://farmacia.viva.ceara.blogspot.com.br/2012/09/erva-cidreira.html>

3.2 Análise e discussão dos questionários aplicados

Foram entrevistadas 10 (dez) pessoas que tem de 20 (vinte) a 65 (sessenta e cinco) anos. Todos os participantes se declararam como lavradores e moradores da Comunidade Kalunga Engenho II. Foram indicados 40 tipos de plantas utilizadas como medicamentos, são elas: Aroeira, sangra da água caju, burere, arnica, pau terra, ipê roxo, cansansão, velame, velame branco, carobinha, jequitibá, Sucupira, barbatimão, amburana, lobera de cupim, mangaba, fedegoso, jurubeba, manacá, quebra cerrado, vergateza, puxa puxa, jatobá, alfazema, canelão, manjeriço, folha de laranja, favaca, eucalipi, pacari, sucupira, baru, pimenta-de-macaco, mastruz, puejo, hortelã e piqui, Quininha. A seguir apresentaremos o questionamento aplicado e as respostas dos entrevistados seguidas de alguns comentários.

Em relação à questão 1 (A quem você recorre em caso de doença?), foram obtidas as seguintes respostas.

P1: recorrer as pessoas mais veia né [...]

P2: primeiro as plantas medicinais depois ao medico.

P3: com as plantas as ervas medicinais que agente conhece do cerrado.

P4: procuro remédio caseiro agora quando o remédio casero num ta dando

volta agente procura os medico.

P5: pra remédio pranta.

P6: Ah primeiro eu vou normalmente na minha mãe depois as pessoas mais velhas [...].

P7: ah no hospital ne.

P8: com os remédios caseiro.

P9: nas plantas primeiro ai se num der certo ai eu procuro os médicos

P10: no doutor.

As repostas dadas mostram que todos os entrevistados primeiro recorrem aos medicamentos caseiros, caso não resolvam é que procuram o atendimento médico.

De acordo com a questão 2 (Qual o papel da natureza para você?), os entrevistados deram as seguintes respostas:

P1: Relata que, é tudo eu.

P2: importante.

P3: a...importante acho muito importante a natureza hã e muito traz sim.

P4: traz beneficio muito importante mas miora moléstia[...]

P5: o papel da natureza é importante muito importante.

P6: Nooossa a natureza pra mim é minha casa minha vida minha mãe natureza.

P7: [...]

P8: é importante né.

P9: o papel da natureza pra mim é muito importante.

P10: o papel da natureza que eu gosto de ver a natureza bonita bem verdinha e utiliza os recursos que ela da pra nossa saúde.

As respostas mostram que as pessoas trazem visões diferentes em relação ao ponto de vista sobre a natureza, mas ambas demonstram que todos a valorizam e respeitam.

No que diz respeito à questão 3 (Quais são as plantas medicinais do cerrado que o Sr./ Sr.^a conhece?), os entrevistados deram as respostas que seguem:

P1: Quininha, jatobá ,baru tem mais ai.

P2: barbatimão, jatobá aroeira, sangra d agua, baru.

P3: tem a loberinha de cupim tem a quininha tem assa peixe amangaba os remédio mais fácil que agente semp utiliza mais é esses ai.

P4: e piqui caju mangaba, jatobá burere, baru.

P5: jatobá mangaba sapeixa alfazema essas é muito boa pa saúde, arnica tamem.

P6: conheço agoniada, conheço pau terra, conheço puxa puxa, arnica tem várias o nome e que foge...

P7: ua tem é ipêo ipê roxo a cansansã velame ne e o velame branco ne tem a carobinha ne tem o entrecasco da aroeira tem o jequitibá que é remédio também tem o entrecasco do baru também.

P8: conheço pouca coisa as plantas quina que mais que é bom jatobá.

P9: quina e pau terra assa peixe né piqui a folha do piqui, jatobá.

P10: eu conheço a raiz kalunga eu conheço um o pau terra o assa peixe capa rosa.

As respostas dadas mostram que as pessoas entrevistadas valorizam as plantas medicinais. As pessoas 1, 2, 4, 5, 8 e 9 citam o jatobá como medicamento. Segundo o site “Tua Saúde” disponível em <<http://www.tuasaude.com/jatoba/>> Acesso em 20 de setembro de 2014, ela é encontrada na Amazônia, Mata Atlântica, Pantanal e no Cerrado com ocorrências do Piauí até o Paraná. Na Comunidade Engenho II, utiliza-se sua farinha para fazer pães, biscoitos, bolos. É também utilizam como medicamento para infecções gerais e para impotência sexual. Seu preparo é feito a partir da casca que, depois de retirada da árvore, é colocada no vinho branco para fazer seu uso constante.

Outra lexia citada pelos entrevistados 1, 2, 4 e 7 é o Baru que, segundo o blog “Natureza do Sertão” disponível em <<http://www.naturezadosertao.com.br/natureza-medicinal/127-a-forca-do-baru>> acesso em 19 de setembro de 2014, é uma árvore leguminosa que produz uma castanha arredondada de sabor semelhante ao amendoim. Suas sementes têm alto potencial antioxidante por ser ricas em cálcio, fósforo e manganês, além de 26% de proteína. Combate processos inflamatórias doenças crônicas e degenerativas, como câncer, hipertensão, diabetes, artrite e enfermidades cardiovasculares, agindo preventivamente.

Este mesmo blog mostra que pesquisas realizadas recentemente concluíram que o óleo de Baru é mais rico em ômega 3, 6 e 9, com 81% a mais

de ácidos graxos insaturados que os próprios peixes, tão recomendados em dietas saudáveis.

De acordo com os entrevistados, esta planta serve para infecção, cólica menstrual. Para isso, usa-se a casca que deve ser colocada dentro d'água e deixar curtir, por um período de duas ou mais semanas. Também pode ser colocada dentro do vinho branco, neste caso pode durar mais. A castanha, segundo os entrevistados, pode ser consumida pura, ou paçoca (farinha, rapadura e baru socados no pilão).

Os entrevistados 5 e 6 falam da *lexia arnica* que, de acordo com o site da Prefeitura de Pirenópolis GO disponível em <http://www.pirenopolis.tur.br/noticias/noticia/Arnica+do+campo,+um+santo+rem%C3%A9dio+que+ainda+resiste+ao+raizeiros+> acesso em 28 de setembro de 2014, é um arbusto típico do cerrado rochoso de altitude e de campos rupestres.

Este mesmo *site* mostra ainda que a *arnica* é muito utilizada pelos cerratenses, por possuir propriedades medicinais terapêutico, anti-inflamatórios e analgésicos. Ela é usada principalmente contra dores musculares através da fricção da tintura alcoólica com as mãos no local contundido. Ainda são produzidos cremes e pomadas. As substâncias anti-inflamatórias estão nas folhas enquanto as analgésicas na raiz. Já o caule não possui alguma substância terapêutica. São diversas substâncias de poder terapêutico, como flavanoides, lactonas, triterpenos e lignanas que possuem ação anti-inflamatória e analgésica.

Os entrevistados da Comunidade dizem que a *arnica* é indicada para dor de cabeça e picada de mosquito. Para isso, as folhas são colocadas dentro do álcool e em caso de dor de cabeça, cheirar, em caso de picada de mosquito passar em cima.

Para a questão 4 (Como esse conhecimento das plantas foi adquirido?), as respostas foram as seguintes:

P1: Foi pelas pessoa mais veia.

P2: as pessoas mais velhas.

P3: Não respondeu.

P4: através dos criador povo mais vei e que da criação de pequeno tinha aquel

povo mais veí que ia indicand pos mais novo e os mais novo ia crescendo e ia passando pros mais jovens.

P5: por meus pais.

P6: através de minha mãe, minha mãe me ensinou muitos remédios as pessoas mais velhas também alguns que e uai agente ohava uma pessoa ai agente acabava conhecendo.

P7: ah eu aprendi com meu padim ne ele ia fazend e el sempre me ixplicava ne esse aqui é bom pra isso esse aqui é bom pra aquilo né.

P8: pelas as pessoas mais velhas P9: através dos mais velhos né.

P10: meu pai e minha mãe.

As respostas mostram que os conhecimentos das plantas medicinais são tradicionais e são hereditários; eles vem passando de geração em geração, ou seja, de pai para filho e de mãe para filho e assim sucessivamente. Tais respostas confirmam a visão de Martins (2012) quando mostra que na comunidade a cultura e os valores éticos são passados de uma geração a outra.

Conforme a questão 5 (Quais as plantas medicinais são mais utilizadas? Para que? Quais os usos das mais frequentes?), os entrevistados forneceram as seguintes respostas:

P1: Sucupira pa garganta, Pa infração e p. aliviar dor faz bem.

P2: barbatimão amburana, para fazer chá, barbatimão pa inflamação no útero pa lavar[...] a maioria pra gripe ou inflamação.

P3: e a lobera de cupim e a a lobera de cupim é bom po estômago quem sente pa cólica de fígado ela é boa gastrite urso tiver duen e boa tomar dora e ai serv pru mont de coisa, a mangaba já é pra pressão.

P4: fedegoso a raiz do fedegoso é bom pa cortar febre principalmente se tiver cum maleta pa tosse chapada bom pra gripe se tiver tuçin muito rapa a chapada toma no leite e tem a raiz da lobera também que é muito boa po fig tanto a raiz cum a fruta da jurubeba tem o manacá também que é remédio muito bom pra reumatismo também tem o quebra e tem o quebra cerrado o vergateza que é procurad pelos turista tem a raiz do puxa puxa a raiz do velame também que é bom pa depurativ do sangue aques purunc que sai no corpo das pessoa pode tomar que é depurativ do sangue sempre é procurado e sempre ranca pa fazer garrafada.

P5: assa peixa serve pra pressão alta é jatobá serve pra infecção e alfazema

seve pra gripe.

P6: o que eu mais uso é o canelão que eu tenho lá em casa mesmo que é do quintal mesmo eu faço ele pra gripe uso assa peixe contra pneumonia é bem utilizado frequente a folha do andu minha filha tem um pouquinho de pneumonia usando por enquanto são esses que eu to tem o guaco que eu gosto também de usar tem a que eu to usando gosto muito do manjeriço que é um chá delicioso tem o poejo que eu gosto também.

P7: ua elas todas são ne todas ne ocê junta elas toda junta tudo e pode fazer a garrafada pode junta tudo e pode tomar sem medo. Ah eu uso um bocado dessas que eu falei eu mesmo uso minha garrafada.

P8: febre gripe é pá eu coloco folha de laranja né favaca é manjeriço se tiver eucalipi tem mais coisa.

P9: são as da horta né que agente planta na horta também né pra gripe quando come uma comida que faz mal né pra gripe.

P10: que são mais utilizada são a raiz é o entrecasco de pacari é para cicatrizar as feridas os usos são mais pra desinflamar a garganta e feridas também machucados.

As respostas demonstram a grande variedade de plantas medicinais utilizadas nesta comunidade. Porém, as mais frequentes são as de horta. O entrevistado 1 fala sobre a lexia Sucupira branca, uma planta medicinal que pode ser utilizada para combater a dor e a destruição das articulações.

O site “TUA SAÚDE” Disponível em< <http://www.tuasaude.com/sucupira/>> Acesso em 20 de setembro de 2014, informa também que pode ser utilizada em forma de chá ou em cápsulas por até 15 dias. Quanto ao chá, ferver 4 sementes de sucupira juntamente com 1 litro de água e beber durante o dia. Já as cápsulas, tomar de 2 a 3 cápsulas ao dia para um melhor efeito.

De acordo com alguns dos entrevistados, esta planta é usada para infecções de garganta, de urina entre outras. O modo de preparar é o seguinte: “na época que as bajas cai, agente colhe e guarda, pode pô no alcoo, fazer chá, ela é muito amarga”.

No que concerne a questão 6 (Como são manejadas essas plantas? Onde devem ser plantadas? E como são colhidas?), foram dadas as seguintes respostas:

- P1: No cerrado. Pega a semente né. ua é natural. Tem a época certa a sucupira em agosto pa setemb tem semente né.
- P2: retirado da natureza e pa imprecisão, nasce no cerrado mesmo, não so parte da pranta pode ser da madeira ou folha né depende do que for ou fruto. P3: é nascida lá no cerrado natural ah num colhe não quando agente precisa ta sintind alguma coisa vai la ranca o pega um gai ou a casca poe na agua e toma.
- P4: uai pela natureza , é da natureza pa culher é quando da no tempo pela necessidade que colhe com o tempo as pranta do cerrado so as fruita as fruita so no tempo do começo das agua e que faiz a colheta das fruita agora pa remedio a raiz é qualquer tempo aranja agora a fruita que é...
- P5: da natureza, ua elas nasce no cerrado e a hora que agente ta sentindo vai lá e pega faz o chá e toma.
- P6: as plantas são algumas são do quintal outras é no cerrado mesmo agente num consegui onde utiliza o manejo de utilização num é qualquer lua num é qualquer dia tem seus segredinhos da vida.
- P7: ah do cerrado mesmo da natureza mesmo.
- P8: é plantada na horta mermo seca pega e seca deixa secar a folha e guarda.
- P9: colhe as folhas e faz o chá. na horta. colhida a horta que precisa né vo la tiro a folha e faço o chá.
- P10: ah so vai la no cerrado e planta. Em áreas de cerrado. Ah na hora que ta precisando vai la e colhe.

As respostas dos participantes mostram que as plantas utilizadas nascem no cerrado ou são plantadas nas hortas. Os modos de preparo são os aprendidos pelos antepassados.

Em relação à questão 7 (Qual parte da planta deve ser utilizada? Quais são?), os entrevistados responderam:

- P1: A semente, a sucupira tem o pacari que e bom pa coloca ne machucad.
- P2: depende uai utiliza o fruto pode utilizar a casca o a folha tem de tudo.
- P3: a loberinha de cupim e a raiz a mangaba a folha a casca.

P4: e que semp mais usado e a sicupira a fruta que é boa pa pneumonia e tempo que elas da baje faze a colheta da semente, tem a pimenta de macaco também da gora em diante é tempo de colher as fruta que tão[...] fazer remédio também, coloca ela pa secar panha ela madura fazer tempero tempero caseiro.

P5: as raiz o olho o oi da pranta tira o sumo tira o entrecasco.

P6: a maioria é a folha a o andu é a folha o assa peixe é a folha a agoniada é a raiz tem a margozinha que é a raiz são folha raiz e entrecasco.

P7: o entrecasco né e só tirar o entrecasco de cada um assim a raspagem ocê rapa e toma, eu tiro do pacari do jequitibá da aroeira também ocê tira ai quando a aroeira faz cum faiz o entrecasco como aquele cedro dela cê tira[...] pode por na garrafada.

P8: a laranja pra febre né passa a febre e a folha da favaca é pa quando ta gripado né pa tosse.

P9: as folhas algumas até as raízes tem que ser utilizadas né que matrúz matrúz para fazer chá tem que tirar a raiz puejo hortelã.

P10: na maioria das vezes as raízes depois as cascas e a semente também as folhas. A manga piqui é.

Conforme os relatos das pessoas entrevistadas nos mostram, várias partes das plantas são utilizadas para o consumo. No caso do assa-peixe são utilizadas as folhas, a laranja a casca e sicupira a semente. Todo esse conhecimento foi herdado dos antepassados.

Para a questão 8 (Qual a importância desses saberes e fazeres para a comunidade Kalunga Engenho II?), os entrevistados deram as seguintes respostas:

P1: Pa num caba a tradição.

P2: pa num cabar a tradição.

P3: uai acho que é falta de interesse né dos jovens.

P4: Acho muito importante muitos que num conhece me procura a aprender saber conhecer tem muitos que num conhece essas prantas pessoas que vem de fora que num conhece chega e sai procurando quem sabe pra ir no cerrado caçando pra mostrar ensinando qual é a pranta que quer pa remédio.

P5: É porque os jovens né é bom esses saberes agora pros jovens né porque as pessoas mais velhas né já sabe de tudo né essas pranta ai agora os

jovens ainda tá por saber ainda sim ez procura sim mas ez mas coisa mais é esses remédio de farmácia.

P6: são saberes importantes porque foi é conhecimentos que vem sendo traduzido de geração pa geração que as pessoas nem sempre tem oportunidade de recorrer a um hospital nem por isso vai ficar doente por falta de médico por isso é importante por que tem doença que é possível ser as vezes tem que ser curado tratado aqui mesmo sem precisar de medicamento e esses saberes vai passando de pai pra filho.

P7: ah eu acho que é bom pra mim é bom né que e é bom pra saúde também né.

P8: o interesse deles né que num tem.

P9: que primero agente recolhe as [...].

P10: [...] quando tiver doente se curar mermo naturalmente com com o que a natureza nos oferece.

Todos os entrevistados reconhecem a importância do conhecimento das plantas adquiridos através dos mais velhos. São tão importantes que continuam sendo praticados até os dias atuais, mesmo com toda a facilidade de procurar médico e medicamentos de farmácia.

De acordo com a questão 9 (Qual a diferença entre as ervas medicinais do cerrado dos medicamentos da farmácia?), os entrevistados responderam:

P1: As vezes e porque esse num precisa comprar e so ir la e tirar la e pronto sem nota fiscal.

P2: que são mais saudáveis e num tem tanta química.

P3: uai que os da farmácia faz bem pua coisa e mal pra outra e as do cerrado se num fize bem mais mal pra nada se num cura num sara de tud men num faiz mal outra doença.

P4: ua a diferença das pranta casera que nos tem por ca nois tem muita diferença que tem muitas tem essas remédio da farmácia tem veiz que agente toma el tem que esse negoço de resguardo num sei o que e as pranta de ca da natureza num tem muita eu acho que as pranta da natureza é mais importante que num tem mistura niuma acho que é mais vantage so por que o povo usa mais e da farmácia mesmo que [...].

P5: os remédio das farmácia eles [...] o remedio do cerrado eles eles faz bem faz bem e num faz outro mal e os da farmácia faz bem prun a coisa e mal

pra outra.

P6: acredito que o a diferença num ta muito longe há uma grande a diferença a diferença no caso de beneficiamento que a do cerrado você vai utilizar ela pura pura sem veneno sem conservantes essas coisa então por mais que seja mais demorado mas agente sabe que tamos consumindo coisa pura já os medicamentos de hospital tem o efeito mais rápido mas ele pode tá trazendo devido o tanto de conservante que tem.

P7: porque acho que cê toma us de ca do cerrado parece que ocê sente mais é eu mesmo sente bem quando eu mesmo quase nem tomo de farmácia tomo mais so ca do cerrado.

P8: [...] Não respondeu.

P10: e que ta sendo curado de modo natural e também ter como diz é tem que usar todo dia que nem usa comprimido ai melhora todo dia que si tomar so uma vez so num melhora.

As respostas mostram que por diversas razões as pessoas preferem os medicamentos do mato, pois “não custa nada, não faz mau”. Enfim existe uma confiança e valorização dos medicamentos do mato.

A questão 10 (Você acha que atualmente o uso dessas ervas medicinais diminui? Por quê?), os entrevistados responderam:

P1: Diminuiu porque agora tem bastante remédio ne de farmácia naquela época era mais difícil.

P2: sim, porque o pessoal num acredita faz mais um remédio medicinais da mata tem muito mais em medico.

P3: uai pode sim uai que hoje a juventude hoje num passa a saber das pessoas mais velhas que conhece das plantas se envolve mais com os remédios da farmácia.

P4: Diminuiu por causa que tem farmácia pa tud conte lado ne tud que acredita nos remdio casero ai tudo quante coisinha é na farmácia e ai a maioria acredita mais ne remédio de farmácia.

P5: não diminoe sim é porque as ervas medicinal as vezes até curar cura e as de farmácia impaleia.

P6: sim vem diminuindo bastante porque os jovens nem sempre as pessoas mais novo recorre as plantas medicinais só que coisa que coisa que vai diretamente pro médicos e as vezes são coisa que os médicos num conseguem da um remédio certo e que acaba sendo curado até plantas

medicinais mesmo um exemplo bom mesmo é no caso dos bebês mesmo as vezes o bebe ta sentindo alguma coisa leva no medico o medico num sabe o que que é ai faz um remedinho contra quebranto essas coisa o bebe melhora.

P7: ah diminuiu um bocado né porque deles tem um bocado deles num sabe pra que ne que serve ai num é que nem de primeiro.

P8: sim porque num é num vai ser todos que vai plantar né.

P9: sim diminuiu bastante.Ha porque os mais novo assim tem tem os mais novo que num acredita tanto assim.

P10: diminuiu porque tem remédio fácil é so ir la no hospital e pegar e tomar.

Todos os entrevistados acham que o uso dos remédios caseiros vem diminuindo, e as causas podem ser pelo fato das pessoas acharem mais fácil ir ao hospital do que no mato. Além disso, eles estão cada vez mais se distanciando das raízes, isto é, não acreditam mais nos remédios utilizados pelos mais velhos.

Quanto à questão estão 11 (O que está levando a perda desses saberes de ervas medicinais na comunidade Kalunga Engenho II?), os entrevistados responderam:

P1: Porque as pessoas mais velhas que sabia já morreu um bocado.

P2: [...] Não respondeu

P3: uai acho que é falta de interesse né dos jovens.

P4: uai e a civilidade de muitos que tem muitos acha que as pessoas que ta tendo condição pa poder procurar ranja conforto de governo pa poder e procurar e só remedio de farmácia agora aquelas pessoas que credita quase num procura remédio de farmácia.

P5: é porque as pessoas hoje só crença em remédio de farmácia e ta largando as planta medicinais mais prum lado.

P6: o que leva a perda disso ai é a falta de conscientização e de passar isso pros jovens porque hoje ta a sociedade mudou muito aqui na comunidade era todo mundo morava mais isolado hoje mora todo mundo junto e tem a televisão tem a escola que é de forma diferente então o tempo que era o pessoal tinha em casa hoje fica em casa mais é assistindo normalmente num tem aquela o momento das histórias num tem o momento que é passar de pai pra filho nem sempre.

P7: ah por que é bom né eu acho.

P8: o interesse deles né que num tem.

P9: porque os mais velho não ta passando mais pos mais novo ne a importância ne e porque os mais novo num procura ne saber dos mais velhos é poucos que interessa né.

P10: é porque as pessoas num preocupa mais ai quando ta doente procura logo o medico num procura a natureza [...]

As respostas a esta questão mostram que muitos são os motivos que estão levando à perda dos saberes sobre as plantas medicinais, como a falta de interesse dos mais jovens, a falha dos idosos em não estar passando aos mais jovens seus conhecimentos. Há descrença dos medicamentos caseiros e a confiança exclusiva nos remédios de farmácia.

Já para a questão 12 (Você acha que essa nova geração tem hábito de usar remédio caseiro para curar doenças de suas famílias?), as respostas dos entrevistados foram:

Respostas dos entrevistados:

P1: Muito difícil, mas tem uns que inda tem ainda.

P2: mais ou menos.

P3: Uai muito difícil né procura mais com a farmácia procura é remédio de farmácia num liga muito pros remédios da floresta não das plantas medicinais não.

P4: ua agente faz o possive com remédio casero se quando o remédio casero num ta resorvendo ai tem que apela com os médicos tem que sair consultar e pegar remédio na farmácia [...]

P6: um pouco sim outros não muitos recorre logo é ao hospital mesmo, mas a maioria a maioria mesmo acaba[...] so depois que num consegue que leva pro hospital mesmo.

P7: ah eu acho que tem né que ocê tem que usar né.

P8: algum né todos num vai importar com isso não.

P9: alguns sim outros não que eu mesma [...]

P10: a minoria.

Em relação a esta pergunta, os entrevistados demonstram que os mais jovens estão substituindo os remédios naturais por remédios de farmácia, isto é, cada vez mais as pessoas estão indo diretamente ao médico, antes de usar remédios caseiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das unidades lexicais indicadas acima pertencentes ao campo léxico da flora, subcampo plantas medicinais, permitiu que verificássemos a ocorrência da dependência entre língua, cultura e sociedade na configuração do léxico da Comunidade Kalunga no Engenho II. Pois, como foi colocado pelos autores referenciados Coelho & Mesquita (2013), a língua representa a identidade social e cultural de um povo; é ela que media o conhecimento entre as pessoas de uma comunidade.

A pesquisa mostra que existe presença de fatores linguísticos e extralinguísticos na estruturação do significado, pois embora não foram encontrados registros das lexias nos dicionários escolares, encontramos informações em monografias pesquisadas na internet. E os extralinguísticos foram encontrados, por exemplo, nas falas das pessoas entrevistadas. Pois, ficou comprovada a existência das lexias no vocabulário da comunidade. Por outro lado, ficou evidente a tese das autoras Coelho & Mesquita (2013) em relação à conceituação de cultura: “um processo contínuo em que se acumulam conhecimentos e também práticas que resultam da interação social entre indivíduos”. Os sites em que pesquisamos as lexias colocam como referências a população onde existem tais plantas, e também as comprovações científicas de suas eficácias.

Assim, esse trabalho mostrou que existe uma relação intrínseca entre língua, cultura, identidade e comunidade. A língua faz com que as relações sociais e a cultura se estreitaram. A identidade, por sua vez, é construída também em conjunto uns com os outros, e quando temos uma cultura fortalecida, também temos uma identidade e uma comunidade forte e respeitada por todos.

Compreendemos ainda que o léxico reflete a herança cultural de uma comunidade. No caso da comunidade Kalunga estudada, essa herança cultural veio dos antepassados vindos da África. Nesta pesquisa, unimos à identidade cultural da sociedade a sociolinguística. Registramos as lexias medicinais presentes nas falas dos entrevistados e buscamos também outros conceitos presentes na internet. Por fim, confirmamos que existe uma dependência entre

língua – cultura- sociedade na configuração do léxico das plantas medicinais pesquisada da Comunidade Kalunga no Engenho II.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gilberto Paulino de . **O Conhecimento Etnobotânico Dos Kalunga: Uma Relação Entre Língua E Meio Ambiente.** O conhecimento etnobotânico dos Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente / Gilberto Paulino de Araújo. - - 2014. 218 f . ; 30 cm.

ASSA -PEIXE. Nome Científico. Disponível em< http://pro.casa.abril.com.br/group/cronicasdoouroverde/forum/topics/assapeixe-vernonia-polysphaera-1?xg_source=activity> Acesso em 30 de outubro de 2014

BARU. Nome Científico. Disponível em< <http://www.cerratinga.org.br/baru/>> Acesso em 30 de outubro de 2014

CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à linguística.** Porto Alegre, Globo, 1973.

CALDART, Roseli Salete Isabel Brasil Pereira ,Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto . _ Rio De Janeiro , São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venancio ,Expressão Popular, 2012.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. **Língua, cultura e identidade. ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013 (ISSN 2179-3948 – online) Disponível em< http://www.uft.edu.br/pgletras/revista/capitulos/02_l%C3%ADngua,_cultura_e_identidade....pdf> Acesso em 14 de setembro de 2014.

COUTO. Hildo Honório do. **O que vem a ser ecolinguística, afinal?** Disponível em< <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/9179/6892>> 05 de outubro de 2014.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de caso. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Editora Atlas, 2005. p.215-235.

EUCALIPTO. Nome Científico. Disponível em <
<http://tuning5.blogs.sapo.pt/16066.html>> Acesso em 30 de outubro de 2014

GOIABA. Nome científico. Disponível em
<http://www.jardineiro.net/plantas/goiaba-psidium-guajava.html> Acesso em 30 de outubro de 2014.

GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.) **Introdução às Ciências da Linguagem – A palavra e a frase**. Campinas: Pontes, 2006

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

JATOBÁ. Nome Científico. Disponível em <
<http://www.biologo.com.br/plantas/fichas/jatoba.html>> Acesso em 30 de outubro de 2014.

MAIA, Joelice Francisco. **Densidade de indivíduos de *xylopia aromatica* (pimenta de macaco) em uma área da Comunidade Kalunga Engenho II, Cavalcante – Goiás**. Disponível em <
http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7226/1/2013_JoeliceFranciscoMaia.pdf> Acesso em 18 de setembro de 2014.

MARTINS, Renata Corrêa. **A Família Arecaceae (Palmae) no Estado de Goiás. Florística e Etnobotânica**. Tese de doutorado. Brasília 2012

MOLINA, Monica Castagna; SÁ, Lais Mourão. **A Licenciatura em Educação do Campo da UnB: Estratégias Político- Pedagógica na Formação de Educadores do Campo**. 2012 a. Licenciaturas LEDoC. P. 468.

NATUREZA DO SERTÃO. Baru. Disponível <
<http://www.naturezadosertao.com.br/natureza-medicinal/127-a-forca-do-baru>> Acesso em 19 de setembro de 2014.

PICÃO. Nome Científico. Disponível em <
<http://www.plantasquecuram.blogspot.com.br/2013/04/picao-nome-cientifico-bidens-pilosa.html>> Acesso em 30 de outubro de 2014

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRINOPOLIS GO. ARNICA. Disponível em <http://www.pirenopolis.tur.br/noticias/noticia/Arnica+do+campo,+um+santo+r em%C3%A9dio+que+ainda+resiste+ao+raizeiros+> Acesso em 28 de setembro de 2014.

RIBEIRO, Marlene. **Educação Rural In:** Caldart, R.S. et al (orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo. Expressão Popular. 2012. Pg. 295-300.

TUA SAÚDE. Sucupira. Disponível em < <http://www.tuasaude.com/sucupira/> > Acesso em 20 de setembro de 2014.

“TUA SAÚDE”. Jatobá. disponível em < <http://www.tuasaude.com/jatoba/> > Acesso em 20 de setembro de 2014

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA NA COMUNIDADE KALUNGA ENGENHO II

Dados pessoais do(as) entrevistados:

A- Qual seu nome completo?

B- Onde nasceu? No campo ou na cidade?

C- Quantos anos você tem?

D- Qual seu estado civil?

E- Quantos filhos você tem? Onde mora?

F- O Sr.º/ Sr.ª teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de escolaridade?

G- Qual sua profissão? Com o que você trabalha ao longo de sua vida?

1-A quem você recorre em caso de doença?

2- Qual o papel da natureza para você?

3. Quais são as plantas medicinais do cerrado que o Sr.º/ Sr.ª conhece?

4. Como esse conhecimento das plantas foi adquirido?

5. Quais as plantas medicinais são mais utilizadas? Para que? Quais os usos das mais frequentes?

6. Como são manejadas essas plantas? Onde devem ser plantadas? E como são colhidas?

7. Qual parte da planta deve ser utilizada? Quais são?

8. Qual a importância desses saberes e fazeres para a comunidade Kalunga Engenho II?

9. Qual a diferença entre as ervas medicinais do cerrado dos medicamentos da farmácia?

10. Você acha que atualmente o uso dessas ervas medicinais diminuiu? Por quê?

11. O que está levando a perda desses saberes de ervas medicinais na comunidade Kalunga Engenho II ?

12. Você acha que essa nova geração tem hábito de usar remédio caseiro para curar doenças de suas famílias?